

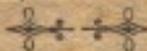
A MOCIDADE

A MOCIDADE

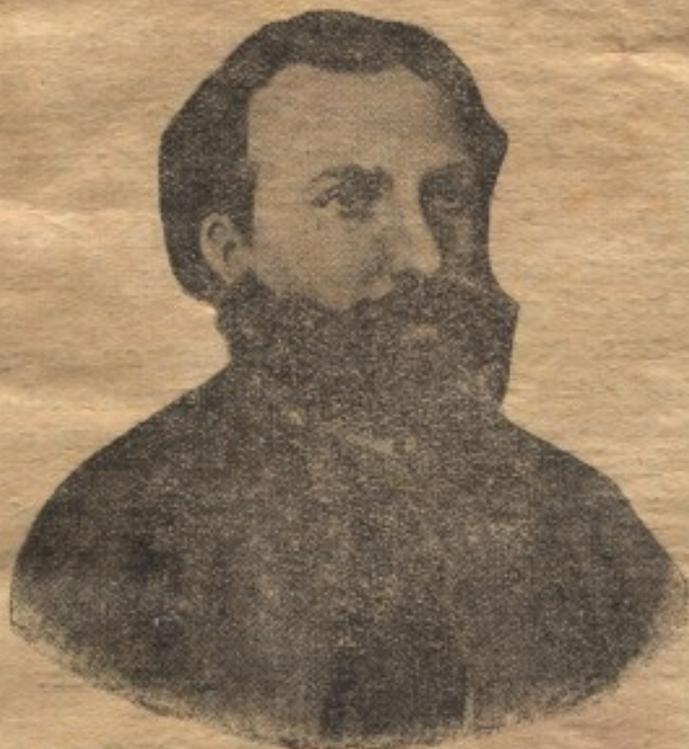
— DIRETORES —

Mateus M. Moreno, José G. Murta e Jaime da Graça Mira

COLABORAÇÃO ESPECIAL DOS MAIS DISTINTOS
ESCRITORES ALGARVIOS



ILUSTRAÇÕES REFERENTES A PERSONAGENS E LUGARES DO ALGARVE



Q uosso jornal, cuja vida foi uma senda espinhosa sómente engrinaldada de amores e benefícios, expirando hoje sob o carinhoso afago dos mais distintos escritores da sua provincia, não devia nem podia deixar de oferecer a sua primeira pagina ao mais sublime dentre eles — **João de Deus**: o pedagogo mais amado das creanças e o lirico mais puro, delicado e sentimental que as letras patrias conheceram.

Nunca ninguem teve arte de dizer coisas mais belas em frases tam simples, diz o sr. M. dos Remedios; mas nós, dentre as chamas crepitantes do nosso orgulho, apenas sabemos exclamar:

Ditoso Algarve que tal filho teve!

mortos são Policarpo Xavier de Paiva, Luiz Sarrea, Casimiro Dantas e Manuel Penteado, também poetas algarvios.

Casimiro Dantas, pae do illustre contemporaneo Julio Dantas, e Xavier de Paiva, poeta lirico e operario, finaram em Lisboa; Luiz Sarrea, de Portimão que se formara em Coimbra, e Manuel Penteado, de Faro, delicado cultor das musas e critico d'artes, também morreram em Lisboa, afastados do seu Algarve preguiçoso e lendario, lá nesse *golfo de dor e riso*, como lhe chamou Tomaz Ribeiro...

Coelho de Carvalho, poeta e prosador, é dos mais velhos literatos algarvios. Além dum bom livro em prosa, *Viagens*, traduziu uma parte da obra classica de Virgilio, e tem muitas poesias originaes dispersas. Apesar de já ter os cabelos nevados, a sua lira conserva a frescura da mocidade. Ao acaso, recortamos para aqui tres quadras duma sua antiga *Canção*:

Envolvida, minha amante,	Tu és a noiva do sol,
Na tua trança doirada	A primavera, a manhã;
E's a nuvem do Levante,	Na indolencia mole
A nuvem da madrugada.	E's melancolica, vã.

Quando entre sedas e plumas
Passas, por mim, branca dália!
E's como a flor das espumas
Dos mares da tua Italia.

Coelho de Carvalho é um amoroso e os seus versos exalam o perfume morno das plantas aromaticas do Oriente.

O poeta João Lucio, natural de Oihão, estiolou se com a politica e a advocacia. E', a meu ver, uma puerilidade a afirmação do quinhentista Antonio Ferreira: *nunca fizeram mal as musas aos doutores*. Fizeram e fazem; uma carreira é sacrificada ao desenvolvimento da outra, precisamente como na ginastica em que uns orgãos se desenvolvem em detrimento d'outros.

A vida moderna, com a sua base profundamente scientifica ou materialista apaga no cerebro a inspiração, o sonho, a originalidade, que são, sem controversia, as fontes geradoras da poesia. E o que se dá com o poeta João Lucio, é um caso vulgar, frequente em tantos outros nossos poetas distintissimos.

Alexandre Braga, pae, era dotado dum talento poetico prometedor, mas que se estiolou com as agruras e mistificações do fôro; a Alexandre da Conceição, tão juvenil e soberbo nas *Alvoradas*, foi-se-lhe o espirito empanando com o estudo das matematicas, a que a sua profissão d'engenheiro inexoravelmente o obrigava; Cesario Verde, esse malogrado poeta tão espontaneo e original, e que deixou um livro pequenino, artistico e admiravel, sentia-se definhar e morrer ao fundo de uma loja de comercio.

E de muitos outros eu podia fornecer dados completos d'atrofia intellectual, se as dimensões deste artigo m'o permitissem.

João Lucio, cujo brilho e arrosos liricos se patenteiavam dum a opulencia magestosa, desceu muito depois de ter escrito o *Descendo*—esse livro em que Mayer Garção e mais criticos nacionaes anteviam no seu autor um Musset portuguez, porém, mais nebuloso e metafisico que o outro.

No *Meu Algarve*, salva duas ou tres produções delicadas, o poeta é duma semsaboria dolorosa, e, não poucas vezes dum mechanico versejar incipiente. No meu humilde juizo, eram as azas negras dum franquismo clerical e prematuro e as lufadas chicaneiras dos tribunaes que começavam a embaciar a rutila inspiração da sua alma d'artista. Todavia, recentemente, um amigo comum deu-me a agradável noticia de que o poeta João Lucio prepara novo volume de liricos—*Na Aza do Sonho*, titulo de veras espiritual e purificador... Esse amigo ouviu ao autor trechos deliciosos, o que já me não surpreende, por saber que o poeta abandonou a malfadada politica passada e presente. Sendo assim terei muito gosto em modificar uma parte do meu conceito sobre o poeta.

Bernardo de Passos era ha anos uma creatura timida, anémica e repleta de lirismo; escrevia versos duma sentimentalidade amorosa e ingenua.

O seu primeiro livro, *Adeus...*, vem cheio de bizarras sonhos, e o segundo, *Grão de Trigo*, traduz nas suas paginas o panteismo dum crente e dum bom. São dois livros feitos da fé dum optimista e do sangue dum camponez sadio, á parte uma ou outra pieguice nativa. No *Portugal na Cruz*, o lirico dá lugar ao combatente vigoroso, revoltado, meridional...

Transcreve-se, ao menos por simples amostra, este retalho dum dos ultimos harpejos de Bernardo de Passos :

AMOR...

Meu crepusculo d'ouro ermo e tremente,
 Mulher ! Aparição !
 Raios de sol que eu busco infantilmente
 Reter, prender na mão !
 Nevoa de l z enchendo o Mundo inteiro !
 Sombra que em vão abraço !
 Lirio a florir-me o sonho derradeiro
 Como um poente o espaço !
 Num soho canta todo o Universo !
 A noite d'ouro, e o dia !
 E tu és esse cantico disperso,
 Tu és essa Harmonia !
 E já me transfiguro ! A minha fronte
 Derrama luz, não vês ?
 Poisam por sobre mim aves do monte !
 Feras, beijam-me os pés !

Este mimo literario deixa conhecer o nobre coração do poeta, que é um dos de mais puro e doce sentimento que a terra algarvia viu nascer e florir.

Outros poetas possue o Algarve, alguns de superior quilate, mas ordinariamente dominados por uma atavica preguiça que os esterilisa. E dessa demasiada e morbida indolencia, resulta para eles uma manifesta estagnação mental, e para o publico um desconhecimento absoluto do valor de taes artistas.

José Castanho, Antonio Santos e Saizar Moscozo são tres exemplos vivos da minha suposta afirmação. O primeiro que é magistrado judicial e foi meu colaborador na feitura do *Almanaque do Algarve*, publicação re-

quintadamente literaria e original, já nada produz; o segundo, enervado por um jornalismo de campanario, extraviou-se das belas-letas; e o terceiro, boémio incorrigível, jaz numa atonia deplorável. Todavia, devo esclarecer, embora laconicamente, que José Castanho, é um lirico correctissimo, tendo a espaços, imagens suaves e genuinamente portuguezas; Antonio Santos, um improvisador apaixonado e humorista gracioso e subtil; Salazar Moscozo, por vezes arcaico na forma do verso, lembra na inspiração luminosa e imprevista, aquele saudoso Hamilton de Araujo, tão precocemente mergulhado no abismo da morte. Pobre Salazar! Infeliz e esquecido como muitos, mas iluminado de lampejos como poucos!...

Resta referir-me a Candido Guerreiro, o cantor das *Rosas Desfolhadas*, das *Ave-Marias* e dos *Sonetos*. É de todos os poetas algarvios o mais produtivo. Excluindo uma ou outra semsaboria metrica, tem aprumo, nervo e galas. Do seu valor, basta incluir estas quadras novas, esplendidas e sentimentaes:

Creança!... Cada sorriso
E cada olhar de creança
É um arco de aliança
Que une o mundo ao paraíso.

Somos a essencia caída
Sobre a terra e que a perfuma;
Somos o colar de espuma
Das ondas do mar da vida.

Somos o traço fulgente
Das madrugadas d'abril,
Cada risada infantil
É uma estrela cadente.

Somos os lirios do val
Cheios de frescura e graça;
Somos a estrela que passa
No coração maternal...

Caracão que és um sacrario
Onde a nossa alma descança,
Como uma pombinha mansa
Nos frisos dum campanario.

Nós somos os rouxinoes
Cantando de madrugada
Numa terra libertada
Pelo sangue dos heroes...

Não acham estes versos galantes e mimosos como os ramos duma amendoeira florida? São um encanto e uma aletuia de amor infantil!

Está feita a reseña dos poetas algarvios, faltando simplesmente elucidar o leitor que todos eles, do mais graduado ao menos conhecido, são liricos por temperamento, meio e educação. E o lirismo, nestes asperos tempos de prosa comercial, chega a parecer aos profanos em poesia, uma coisa banal e risível, só propria de lunaticos e enfermos... A febre do dinheiro, nesta agitada quadra mundial, é uma anciedade doentia que se apoderou de todos... E os liricos do Algarve, asfixiados e cingidos por esse nevrotico tufão de egoismo, terão de lêr os seus devaneios em flôr uns aos outros... Ninguém mais os entende e escuta! O lirismo agonisa entre nós.

De todos eles, apenas C. Guerreiro tentou a poesia filosofica no seu livro de *Sonetos*, e o signatario destas fugitivas notas a poesia social na segunda parte do volume *Canções d'Alguem*.

MARCOS ALGARVE.





PATRIA



(EXCERTO)



Dr. Rodrigues Davim

Coro das Províncias

«Oíça bem a terra inteira
nosso cantar triunfal:
—Bem dita seja a Bandeira
das Quinas de Portugal».



João Algarve (*Velho lobo do mar*).

Muito bem, muito bem. Até dá gosto á gente
fazer-se moço, assim, tal qual como vossês,
e cantar e bailar e rir alegremente
com esse riso franco e bom de portugûês.

Eu tambem, quando tinha a vossa linda idade,
zombava da tristeza aí nos arraiaes.
Quem não ha-de chorar de magoa e de saudade
desse tempo feliz que já não volta mais?!...

Quem não ha-de chorar?!... A's vezes, quando fico
aí por essa bórda, a ver crescer o Mar,
esse mar generoso, imensamente rico,
que tem sempre um tesoiro em si para nos dar,

a olhar-me com doçura, ele tambem a rir,
parece que a chamar-me, a abrir-me os largos flancos...
—E eu tão velhinho já, sem o poder seguir!
—E ele a estender p'ra mim os rijos braços brancos!...

Cidade de Faro (*Acarinhando o velho marítimo*)

Vamos lá, ti João, não vale esmorecer.
Hoje é festa de amor nos céos de Portugal;
não se deve andar triste. O dia é de prazer...



J. Algarve (*Melancolico, abstrato*)

Vae no ocaso o meu sol. Já vejo escurecer,
e a noite da velhice a todos nós faz mal...

Portugal (*exaltando o*)

Companheiro leal das minhas aventuras,
ergue a fronte e remoja á luz do sol nascente.
Contemplam-te, d'além, as gerações futuras
e a Historia consagrou teu nome aurifulgente.

Este Céu sempre azul, o Mar que te namora,
êsses campos em flor, os serros, as montanhas,
conquistou-os, a ferro, á moira gente, outr'ora,
o teu braço de heroe de homericas façanhas.

E depois, quando eu fui, sonhando sobre as vagas,
em demanda de nova, ainda ignota fama,
a levar o meu nome ás mais distantes plagas
nos frageis galeões de Can, Cabral e Gama,

ao meu lado ias tu, zombando das procelas,
domando as convulsões do tenebroso mar:
Piloto forte e audaz das minhas caravelas,
a minha imensa gloria é pouca p'ra te dar!

J. Algarve (*O rosto ilumina-se-lhe da alegria dos heroes e a sua voz eleva-se lhe em fremitos de entusiasmo*)

Como é grato lembrar os tempos já distantes
da nossa mocidade involta de clarões,
e ouvir a amiga voz das ondas soluçantes
a saudar esta raça antiga de gigantes,
a adormecer a furia audaz destes leões!

Porque fomos, um dia, a rir, por entre a bruma
num sonho de conquista ás mais distantes plagas,
evocando do Mar, entre cachões de espuma,
escondidas regiões que vinham, uma a uma,
surgindo á nossa voz da escuridão das vagas?

Porque foram de Ourique ás margens do Salado
as lanças triunfaes da lusitana gente,
e aclamaram no vasto, horrendo, ensanguentado
campo d'Aljubarrota, em sonoro brado
os fóros de uma Patria-ativa, independente?



Porque tínhamos fé : e o fogo sacrosanto
da Patria ardia dentro em nosso coração !
Saudava a Liberdade o nosso alegre canto !
Mocidade feliz, porque te afastas tanto,
que tudo me parece agora uma ilusão !...

Portugal

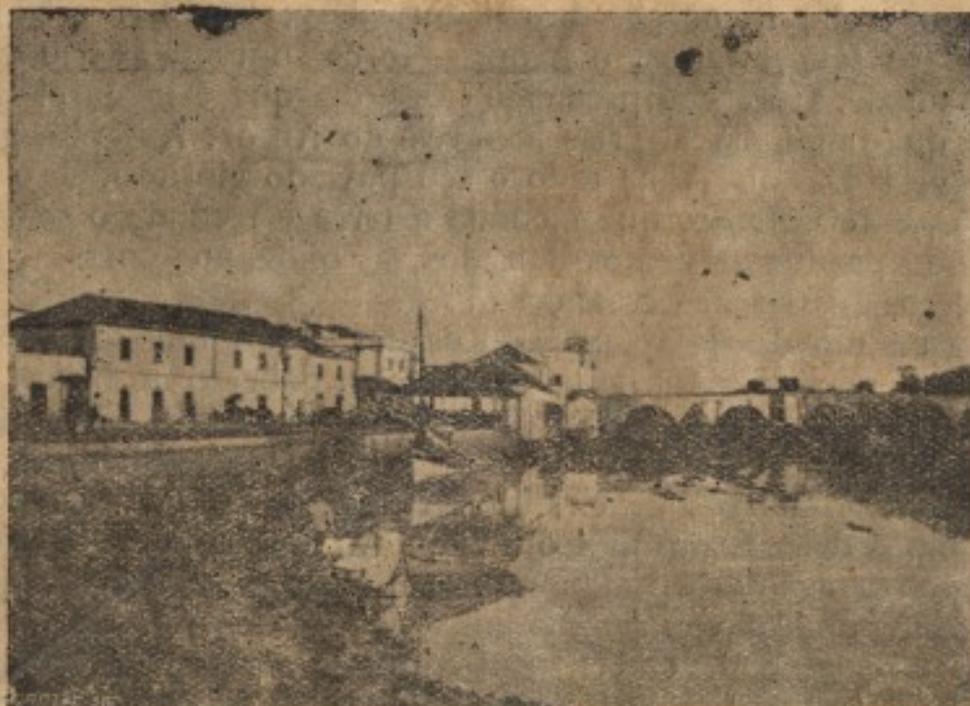
Inda somos, bem vês, a gente audaz de outr'ora
para salvar do abismo a Liberdade bela :
Saudêmo-la, portanto, á luz da nova Aurora,
ou morramos também, se fôr mister, por ela !

J. Algarve

Alma da nossa Patria : A Gloria te conduza
entre flores e sóes álem das gerações !
Sejas sempre bemdita e sejas sempre lusa
e seja sempre tua a lingua de Camões !

(Do entre-acto lyrico *A Bandeira*)
(inérito)

RODRIGUES DAVIM.



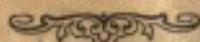
BELEZAS DO ALGARVE - Caes de Silves

*

Só se é feliz quando se encontra uma mulher cheia de bondade.

Bernardim de Saint-Pierre.

O ultimo vôo



... Pertencia-lhe, finalmente! E nos olhos de Gabriel, que pareciam iluminar-se de brilhos metallicos, havia toda a expressão dum triunfo por muito tempo procurado, uma especie de alegria má, que lhe despregava os labios delgados num sorriso enigmatico e cruél.

Ha quantos anos ele a perseguia com o seu amor! Debil e incapaz de qualquer movimento arrojado, tinha-se submetido voluntariamente á força e ao prestigio que dimanavam de Córa, — a intrepida e formosa aviadora. Quando ella afrontava as surpresas do espaço, no docil monoplane, que obedecia como um escravo a sua mão pequenina, — aquella mão patricia que elle desejava cobrir de beijos apaixonados e ardentes, — todo o seu ser estremecia e se abrasava na ancia febril de acompanhá-la, de experimentar a seu lado emoções completamente novas, deslumbramentos que antegosava, cerrando as palpebras e sentindo-se como que envolver num banho de luz — a luz que irradiava do seu puro e suavissimo olhar. Mas Córa, conquanto o acolhesse benevolmente, mostrava-se retraida e esquiva, quando elle lhe falava de amor. E, todavia, não era porque o seu coração pertencesse a outro. Córa não conhecia o amor. Os seus vinte cinco anos, cheios de rebustez e de castidade, não lhe sugeriam outros desejos que não se relacionassem com a conquista embriagante da gloria, — a conquista do espaço, de que era rainha poderosa e sem rival.

Mas um dia o coração da aviadora despertou. Era a Natureza a reclamar os seus direitos, o Amor — força suprema — triunfando da sua virgindade. Córa compreendeu nesse dia que é incompleta a existencia a que faltam as alegrias infaveis do Amor. Amar! — gloria incomparavel! De que valia todo o seu passado glorioso, se o não illuminava esse sol imenso, que fecunda a terra e fecunda o seio da mulher, — que produz os frutos doirados, as ondeantes messes, e o corpiço de leite e rosas das creanças?!

E sentia um desejo apaixonado de dar vida a um novo ser, senti-lo palpitando no seio, estreita-lo nos braços, cobri-lo de beijos, inunda-lo de ternura. Amar... amar... Os seus olhos, que até então só tinham procurado fitar o sol, baixaram-se — leaes e sonhadores — sobre os olhos interrogativos de Gabriel. «Nunca serás minha?» perguntavam os olhos dele. E nos de Córa palpitava uma confissão: «Sou tua!»

Quando a aviadora participou a seu pais que ia casar e que realisaria o seu ultimo vôo no dia em que o seu destino se fixasse para sempre ao destino de Gabriel, foi como se uma aurora illuminasse a casa toda. Finalmente, ella ia abandonar aquella existencia aventureira, cheia de perigos e de constantes ameaças. O lar triunfava. O instinto da maternidade vencia aquella castidade indomavel. E os pais de Córa exultavam. Acabavam os sustos, os receios. A vida ia lhes correr serena e boa; oh, finalmente!...

E enquanto os tres se abraçavam, numa grande efusão de alegria, alguém demorava sobre a aviadora um olhar ferino, onde fusilavam relampagos de colera.

Era uma pobre rapariguinha de quinze anos, que a aviadora encontrara um dia esperecendo á mingua e debatendo-se nas ondas dum lodaçal. Estendera-lhe mão compassiva, fizera dela sua irmã. A sua alma florira de branco como uma amendoeira ao aproximar-se a primavera, vendo aquella linda flor do pantano colorir se e desabrochar, ao calor da sua bondade e aos extremos do seu carinho.

Chamavam-lhe Dina. Tinha a gracilidade duma creança e o temperamento ardente duma oriental. Gabriel requestou a. Amaram-se. Para Gabriel, Dina era o Amor e Córa a Ambição. Uma representava a caricia que embriaga, a outra a gloria que domina. Amor, gloria e oiro! Gabriel triunfava! Por isso, naquele dia, o seu olhar se illuminava de brilhos metallicos e os seus labios se entreabriam num sorriso enigmatico e cruel...

Córa despira o vestido branco do noivado, e substituiu-o pelo seu traje de aviadora. Era o ultimo vôo — tinha-o prometido; mas realt-sá lo-ia acompanhada de dois entes queridos — Dina e Gabriel. Sentia-se feliz — tão feliz! O céu iria parecer-lhe mais azul, o ar mais transparente e mais puro, a vitoria mais completa. Ah, como a vida era boa! como era bom viver e amar!

E enquanto a multidão fremente glorificava a linda aviadora, o aparelho rasando a terra, como uma ave prestes a librar-se no espaço, elevou-se depois descrevendo uma curva elegante, docil á fina mão que o guiava, e cortou os ares, triunfalmente.

Dina e Gabriel fitavam-se nos olhos, deslumbrados. Sim! como a vida era boa, e como era bom viver e amar! Que lhes importava Córa? que lhes importava o mundo inteiro?! Amavam-se — eis tudo! Tanto peor para ela se não pudera ou não quizera acordar mais cedo. Dina... Para que a levantar a Córa do enxurro? e porque não soubera adivinhar que Gabriel lhe pertencia? Podê-la ía ter prevenido — sem duvida — poderia ter evitado os horrores daquela dupla traição, que se cumpliciava, como o mais hediondo dos crimes, sob o olhar franco de Córa;... mas Gabriel pedira-lhe tanto que fizesse calar a voz do ciúme em sacrificio á sua ambição... Obedecera-lhe. Amava-o tanto!...

E agora... estava lançada a sorte: Gabriel era da outra pelo dinheiro; mas era seu pelo coração.

Não podia falar-lhe; — os olhos, porém, diziam tudo — toda a sua ternura, toda a ardencia do seu amor. E Gabriel, entre aquellas duas mulheres que o adoravam de forma tão diversa, sentia que era ele o senhor de sempre, o dominador secular, aquele que tudo pode sobre a mulher escrava do seu poder imenso. Ah! a temeraria aviadora! — cil-a vencida, dominada... — finalmente!

Os seus labios, avidos de caricias, foram pousar nos labios ardentes de Dina, e confundiu-os o mesmo beijo febril e sensual.

O monoplane voava... deslisava como um passaro gigantesco sobre as ondas do ar; e os olhos azues dos miosotis seguiam-no com inveja.

Naquele vôo, Córa puzera toda a sua alma de mulher enamorada. Sentia bem que era a rainha dos ares, e ao mesmo tempo rainha da beleza e do amor. Do amor... Nunca esta palavra lhe parecia tão doce, tão carinhosa, tão feiticeira... Separava-lhe as duas sílabas, entreabrindo os lábios num fremito de ternura: — a-mor...

Voltou-se, com o coração inundado de ventura.

Queria dizer-lhe todo o seu affecto, sorrindo. Dizer-lhe que o amava, que nunca tinha amado outro, que era ele o seu primeiro, o seu ultimo amor.

Voltou-se... — e o seu olhar pávido, estarrecido, encontrou o grupo que formavam os dois, beijando-se na boca, longamente...

Era um mundo que desabava. Amizade, amor, ventura — tudo desaparecia num momento.

Ela não teve um grito, um protesto; mas compreendeu que o dominio dos ares ainda lhe pertencia. Vieram-lhe aos olhos lagrimas de piedade, por ela, por eles que a tinham traído... E foi tudo. Resolutamente, a sua mão nervosa teve um movimento rapido; e o monoplane precipitou-se numa queda vertiginosa. Era a morte que os esperava lá em baixo, na vasta planície banhada de sol. E parecia que choravam de magua os olhos azues dos miosotis...

Depois, ante a enorme multidão aterrada, o monoplane caiu, semelhante a uma grande ave ferida, como o coração da pobre aviadora, ferido em todas as suas crenças e na pureza do seu unico amor.

MARIA VELEDA.



REGRESSO...

Minh'aldeia, voltei! — *Ave-Marias* ..

Teu crepusculo d'oiro até parece
que me canta, e me embala, e me adormece,
a florir a amargura dos meus dias ..

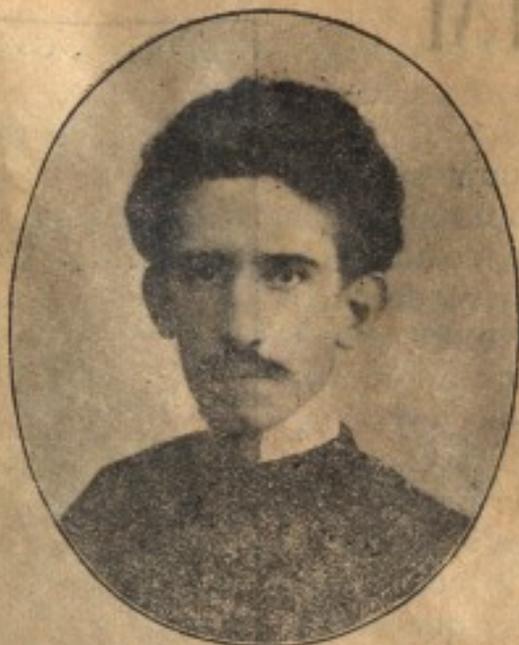
Como a úrze das tuas serranias,
poeta em ti nasci, sem que o soubesse;
e o meu primeiro amôr, (o que não 'squece...)
criança, aqui o achei, quando me vias...

Minh'aldeia, voltei! — Anoiteceu. .

Sobre o meu coração, como num ninho,
estendes a aza d'oiro do teu ceo...

E ele dorme e sorri, o abandonado!
como dorme e sorri um passarinho
sob a aza da Mãe agasalhado...

BERNARDO DE PASSOS.



Dr. João Lucio

O CHORO DOS VIOLINOS NOS CREPUSCULOS

Cinzas... cinzas, no ar...
A luz vai-se finar,
E caem-lhe das mãos, orvalhos argentinos...
Sangues, a borbulhar de rosas degoladas...
Sob as arv'zes, na sombra, escuto os violinos,
No choro, a arripiar, das grandes desgraçadas.

Ai!... Ai!... Ai!...
Em torturas agudas, cutilantes,
E, como uma mortalha, a cinza, cae,
Sobre esse choro, em pregas ondulantes.

Desesperos de amor...
Oh! torturas da alma que se estorce!...
E sente-se rasgar, rasgar, a Dôr:
Nos sons, palpam-se as garras afiadas,
Que ela torce e contorce...
E rangem, rangem ais como facadas.

Despedidas pungentes, com promessas,
E soluços, em ritmos ofegantes...
Os violinos gemem «não me esqueças»,
Com fundas saudades sufocantes.

Golfões de musica arrastam gemidos:
E as cordas são nervos doloridos,
A gritar, a gritar...
Modelam-se virões, nesse lamento:
Gestos, imprecações, scismas do Vento,
Braços crispados, a abraçar o ar.

Todo o negrume amargo d'este mundo,
Todo o fêl que guarda, a Dôr, no fundo
Do seu mistério,
Cristalinisa em sons, magicamente...
A musica rouqueja surdamente,
Como a chuva a bater num cemitério.

Oigo carpir, as notas desoladas,
Com fundas vibrações mártirisadas,
E scismo, scismo...
Evoçam-se as tristezas misteriosas
Das planices já sêcas e leprosas,
E sinto a agonia do abismo.

E, os gemidos, tornam-se plangentes:
Boi:m queixumes frigidôs, rangentes,
Na melodia;
E sente-se a tristeza das montanhas,
Rôxas de dôr, nas solidões estranhas,
A ver mirrar, mirrar, mirrar o dia.

Noites de neve e de invernã e vento,
Uivos de horror, gelando o firmamento,
Tudo passa, esvoaça...
Os violinos teem arripios,
Nos sons agudos, que evocam os frios,
D'essas noites de morte ou de desgraça.

A cinza, a cinza, vem, vem ás lufadas,
Chupando a côr, ás linhas que descoram,
Em chuvas penetrantes, socegadas...
Perdidamente, os violinos choram,
Pungentes, como a voz das desgraçadas.

Adeus... Adeus... Adeus...
Oh! dôr, suprema dôr, eterna dôr!...
A noite cae,
Numa tristeza fina, pelos ceus:
No rouco sufocar do estortôr,
Os violinos, gemem, n'um adeus,
Ai!... Ai!... Ai!...

(Do livro a sair do prelo: *Na Aza do Sonho*)

JOÃO LUCIO.

MARIM

NÃO era Marim uma simples torre de vigia como algumas que vemos na nossa costa: era uma casa forte, um verdadeiro castelo, com a sua torre alta e massiça, de menagem, dominando outras e diversos terrados, tendo sob sua jurisdição excelentes talaiotes, de onde partiam os sinais de alarme para as sentinelas atentas no castelo central, e por isso a essa torre, que era a principal, coube o nome *Marim*, que, em lingua arabica, significa *chefe, principal posto civil ou militar*. Crê-se ainda assim que a sua fundação fosse anterior ao dominio mourisco na peninsula espanica, mas hoje das ruinas dessa fundação apenas nos chegaram os restos de uma torre cercada de lendas e os seus arredores povoados de mouras encantadas.

As nossas velhas cronicas dos tempos da conquista do Algarve nada nos dizem de *Marim* e sómente se começou a falar desta Torre nos tempos de El-Rei D. Diniz, por isso que este monarca, juntando ao castelo belas terras de cultura, fez de tudo doação á sua filha bastarda D. Dulce para que o tivesse como *honra* e não *behetria*, com a condição de fazer servir nas guerras dois cavaleiros de lança e espada, cota e morrião, e cavalos acobertados e seus homens, encargo este que mais tarde foi remido mediante o pagamento de 1.000 reais brancos, anuais, pela voz e pela coima.

Esta senhora foi, segundo uns, casada com João Madeira, alcaide-mór de Faro em 1290, e segundo outros, talvez mais certo, foi mãe. Do seu casamento nasceu um filho, Afonso Madeira, o mais valente capitão do seu tempo, porém de genio arrebatado e intransigente, tendo pêlos no coração, como o povo costuma exprimir-se, e falando com o diabo á meia noite, principalmente quando esta decorria extremamente tempestuosa.

Tendo D. Fernando por intrigas de D. Leonor, confiscado a Afonso Madeira todos os seus dominios em Marim e propriedades anexas, o fidalgo português internou-se na torre alta ou torre grande do seu castelo e dali desafiou os odios de D. Leonor, que não ousou expulsá-lo. Mais tarde, feita Regente de Portugal, doou ela todos os dominios de Marim, pertencentes a Afonso Madeira, em favor de seu irmão D. João Afonso Telo, como prestamo. Afonso Madeira teve denuncia deste esbulho quando, com o pé no estribo, e na compa-



Dr. Ataíde Oliveira

nhia do filho e de suas gentes de armas, acodia ao chamamento do seu amigo, o Mestre de Aviz. Não querendo faltar ao amigo, apeou-se, subiu á torre grande do castelo, acompanhado do filho, e do alto desta lançou a maldição aos seus dominios, exclamando que esta maldição exerceria os seus efeitos emquanto uma geração extranha á sua ali dominasse. Acasos incompreensíveis ! Semanas depois caía a torre grande, em noite de tempestade, acrescentando o povo que nela fôra visto o diabo a impelir a torre !

Em curto espaço de tempo o Mestre de Aviz foi aclamado Rei, e como ficára devendo a Afonso Madeira grandes serviços e se receasse dos Telos, parentes de D. Leonor, tentou indenizar o fidalgo português, fazendo-lhe doação do julgado de Fermedo ; não substituindo porém esta doação e menos receioso dos Telos, D. João I fez ao fidalgo justiça inteira, restituindo-lhe todos os dominios de *Marim*. Então o fidalgo português, tendo reedificado a torre grande, e feito grandes despesas com os seus dominios, casou, com a irmã do grande cavaleiro Martim Enes, o de Lagos. Esta senhora fundou a capela de N. Senhora da Soledade em terras de Marim, e ali ia todos os dias consolar-se com a Virgem nas longas ausencias do seu marido, dado a correrias e aventuras.

Decorreram muitos anos e diversos senhorios se substituíram na administração de Marim, até que em 1 de janeiro de 1559, D. Leonor e Francisco Gil, senhores de Marim, remiram o encargo dos mil reais brancos, mediante o pagamento em uma só vez de quinze mil e quinhentos reais brancos.

Em 1645 houve grande demanda a proposito do senhorio de Marim. Terminara o dominio espanhol ; o penultimo *cão mau* morrera cativo em Alcacer, não lhe valendo já o dinheiro, produto da sua Quinta de Bela Mandil, que seu pai Vasqueanes Còrtereal vendera para o remir ; e o ultimo *cão mau*, do mesmo nome e alcunha — Jorge Vaz da Cunha, falecera, vitima da peste grande, com sua esposa e filho. A demanda terminou em favor da nora do segundo *cão mau*, D. Antonia, que por algumas semanas foi administradora de Marim.

Ora, por virtude de uma sentença de 20 de junho de 1593, conseguiu o administrador do senhorio de Marim que os seus administradores fossem de nomeação dentro da geração e do sangue dos Mendoças de Marim (*sic*), e eis a razão porque todos os administradores do senhorio de Marim desde aquella época se assinaram *Mendoças*.

Mais demoradamente faremos a historia completa deste notavel senhorio, cujos privilegios foram importantes. Em Marim não entravam as justiças de El-Rei de vara levantada ; no seu castelo se recebia o dizimo do pescado de todos os barcos que pescavam nos mares de Marim ou por eles transitassem carregados de peixe ; e nos salões da torre grande deram-se festas, cuja memoria de grandeza perdura ainda hoje nas tradições dos fidalgos algarvios.

.....
A um velho sómente se pode pedir noticias do *passado*. Foi o que fiz : dei-as.

ATAIDE OLIVEIRA.

COQUETISMO



Lyster Branco

Olha-o bem, nos olhos, se poderdes ;
parece, de tão podre e tão inchado,
que vestia um jubão de sedas verdes.

Julio Dantas.

E Amandina, a mais gentil das filhas da Volupia, entre sorrisos e gestos encantadores em que as harmoniosas linhas do seu talhe realçavam esplendidamente, falou assim ás suas amigas Ismaïla e Florélia, lindas como ela e também sacerdotizas de Venus :

—E' difficil, muito difficil para mim, queridas, responder-vos. Lembro-me lá, dentre todos os homens que tenho visto a meus pés, rendidos aos meus encantos, fascinados pela minha beleza, qual mais me impressionou? Sei lá dizer! E' tentar o impossivel! E' tão grande a multidão dos meus adoradores, tão varia... e eu tenho tão fraca memoria.

—Vamos—instou Ismaïla,—interroga as tuas recordações, resolve as tuas reminiscencias... por certo algum amôr tiveste a qual quer desses a quem te entregaste...

—Qual de nós—acudiu Florélia,—não tem ainda bem presente, apesar da multiplicidade das impressões recebidas, a suave lembrança do primeiro beijo de amôr? Qual a mulher que não possui, guardado no excriinio do coração, um retrato de homem? Qual não conserva longo tempo retida na gaze de ouro do pensamento a saudade de uma caricia mais ardente, de um amplexo mais terno... Esforça-te e acabarás por lembrar-te.

Amandina quedou-se um instante pensativa.

Assim, naquella immobilidade, brilhava mais harmoniosamente a sua beleza.

Dir-se-ia uma primorosa escultura, tão airozas eram suas fórmulas e tão artistica a sua maneira de vestir.

Subito, o seu lindo rosto enrubesceu e, a rir muito, em gargalhadas argentinas, frescas, vibrantissimas, exclamou :

—Ah! Lembrei-me agora! Mas para que contar? Decerto não me acreditam... E, todavia, é a verdade... a verdade mais pura...

Dize! Dize!—suplicaram as duas amigas.

—E' vastissima, como sabem, a cohorte dos meus admiradores, —continuou Amandina, —conto-os desde os pegureiros humildes, que procuraram deliciar-me com suas mais ingenuas canções até aos riquíssimos príncipes russos, que imaginavam deslumbrar-me com o seu ouro e os seus brilhantes!... Pois bem, entre todos, aquele cuja memoria revive ainda em meu espirito é Abrahão Tifunhos, o opulento banqueiro israelita que encontrei, ha quatro anos em Monte Carlo...

—Tifunhos, o leproso?

—Que tem isso—Não disse eu, queridas, que não me acreditariam?—Pois é a verdade! Cheguei a ama-lo, apesar das suas hediondas feridas, do fétido que exalava e que nem os mais cáros perfumes logravam disfarçar! Oh! amei-o muito... Durou um mez o nosso idílio... o mais longo que tenho vivido...

—Tu, tão formosa, tão elegante e distinta, amares um leproso! Que excentricidade!

—Não! Não!—atalhou vivamente Amandina,—Tudo coquetismo... simples coquetismo de que nasceu, confesso, o maior, o mais veemente afêto que tenho dedicado a um homem... Que querem? E' tão fragil o coração da mulher!...

—E' admiravel! Mas porque assim gostaste dele?—interrogou Florélia.

—Que querem? E' que eu nunca tive *écharpe* mais deslumbrante, mais esplendida e que mais fizesse realçar a brancura da minha carne, do que aquella que, em torno do meu colo, nas horas de prazer, formavam os seus braços nervosos, de musculos atrofiados e cheios de chagas roxas! Coquetismo!... Coquetismo!... Lyster Franco.



SUICIDIO . . .

(Do ultimo sentimental)



Sou infeliz! Com vinte anos d'idade,
—Na quadra máis risouba d'esta vida—
Minado pela tara suicida,
Despedi-me do mundo sem saudade.

Busquei no suicidio liberdade
E a ventura da paz desconhecida,
Como essa Madalena arrependida
Que passou duma a outra extremidade!...

Dos peccados, enfim, purifiquei-me,
Numa manhã d'abril tão sonhadora
Em que tardiamente levantei-me...

Tive então esta ideia redentora:
No momento fatal suicidei-me
Nos braços duma noiva encantadora!

MARCOS ALGARVE.



Marcos Algarve



ALTE — QUEDA DO VIGARIO



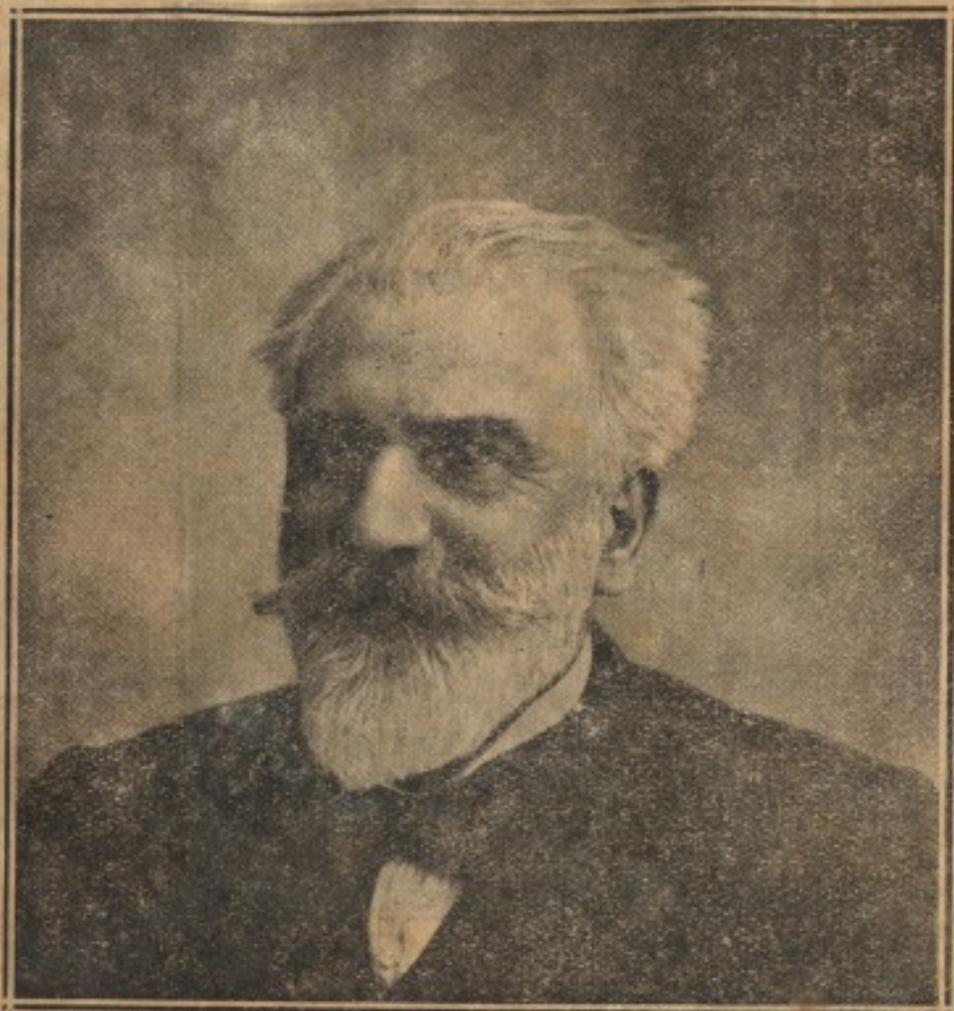
Em turbilhão, das sombras dum silvedo
Num pulo repentino e formidando,
A ribeira cae d'alto, e vae rolando
E espadanando espumas no fraguedo...

Sobre o abismo e do topo dum rochedo,
Uma figueira brava, balouçando,
Ergue os braços, arbusto miserando,
E abre as mãos verdes com espanto e medo.

Velha figueira estéril e selvagem,
Afflicta e debruçada na voragem,
Mãe inconsciente e dolorida...

Invisível raiz prende-me á terra,
Suplico em vão também, também me aterra
Uma torrente tenebrosa—a Vida...

Candido Guerreiro.



Dr. Coelho de Carvalho

APOLOGO DA PULGA

LENDA GERMANICA, NACIONALISADA PARA EPOCHA ACTUAL.

Certo rei,—um rei d'outr'ora—,
Tinha uma pulga real;
E amava-a, como se fôra
A sua filha,—tal qual.

Ao alfaiate da côrte
Encomendou, de feição
P'ra a pulga, e do melhor côrte
Trajo de manto e gibão.

De seda e veludo é toda
A andaina, nada ali falta:
O manto, broslado em roda.
Tem no hombro a Cruz de Malta.

Fel a el-rei ministro.—E a graça
E' que este foi dos melhores;
Pois, ás pulgas da sua raça,
Tornou as grandes senhores.

Pica as damas da rainha,
Sem lhe escapar uma só:
Até a propria maminha
Da sob'rana mette dô !...

Toda a côrte sofre; e... fica...
Com medo que el-rei se zangue.
Mas o povo se lhe pica
Uma pulga, fal-a em sangue.



Dr. Julio Dantas

A LUVA

Quatro mezes depois d'essa hora dolorida,
Voltei, já resignado e quasi sem rancor,
Ao quarto onde viveu aquelle immenso amor
Que foi o grande amor de toda a minha vida.

Compreendi então — quanta imagem querida! —
Que pode haver encanto e doçura na dôr:
Um perfume — era o teu — palpitava em redór...
Dormia, n'um sofá, uma luva esquecida.

Uma luva e um perfume: é o que resta de ti,
Dos beijos que te dei, do inferno que soffri,
Do teu mentido amôr de juras desleaes...

Que fui eu, afinal, na tua vida intensa?
O perfume que vòa e em que ninguem mais pensa,
A luva que se deixa e não se calça mais...



Dr. Candido Guerreiro

AMOR-VICTOR

Enquanto a Noite, hieratica, diz missa
À luz da lua—o candelabro velho
E heraldico, de prata,—eu ajoelho
E penso em ti, ó palida Noviça...

Todo o esplendor do céu é luz mortíça
E o turbilhão astral mesquinho espelho
Ante este amor indomito e vermelho,
Esta chama a rugir, alta e insubmissa...

E arrebatá-lo-ei! No sacrosanto
Beijo imortal que á tua graça e vida
Unir meu sangue impetuoso e forte,

Tocaremos, subindo, Deus, enquanto,
Cá baixo, escrava, o nossos pés, vencida,
Ha de abater o vôo sombrio a Morte!

Candido Guerreiro.



O Filho

Nasceu enfim. Tão monstruoso veio,
Tão miseravel que ficou dormindo...
Diz alguém, vendo-o morto: era tão feio!
Soluça a mãe, num beijo: era tão lindo!

Julia Dantas.



Bernardo de Passos

Vendo em ti (souho extremo!) Essa que ando,
peregrino do Amôr, a procurar,
pelo mundo, onde pareces ir voando,
eu corro atraz de ti, pra te alcançar...

Vaes tão longe umas vezes caminhando,
que o teu vulto já o deixo de avistar;
tão perto, outras, que o seio astral e brando
te arrulha ao pé de mim, florindo o ar...

Mas não és tu essa visão d'aurora?
Vou iludido neste anseio? Embora!
Finge ser Ela, para assim te amar...

Mente, pra que eu te siga! Em teu caminho,
sinto, rasgando os pés em cada espinho,
que o sangue que atraz deixo é um luar...

Bernardo de Passos.

FLEUR PROFANÉE

Como a recordo ainda !
Ela era delgadinha, airosa, insinuante;
Talvez não fosse linda,
Porém tinha no olhar um fluido cativante
Duma doçura infinda.

O cabelo castanho, ondulando, revólto,
Em tranças enastrado ou caindo-lhe sôlto
Tornava-a tão gentil,
Que ao vê-la atravessar a rua, lestamente,
Com toda a convicção dizia muita gente :
— E' uma flôr de abril ! —

As rosas ao tocar
O seu cabelo lindo inda eram mais formosas
E faziam pensar :
Que o seu rosto gentil até as próprias rosas
Deviam invejar !

Seu olhar deslumbrante, esse olhar luminoso,
Um poêma de amor ingénuo e radioso,
Quem podia esquecê-lo ?
Tinha o dôce fulgôr duma manhã de abril,
Quando a aragem perpassa e ás florinhas, subtil,
Segreda algum anêlo.

Uns doze anos apenas
Ela devia ter quando eu a conheci ;
Nessas tardes amênas,
Quantas vezes a vi
Alegre a saltitar com as demais pequenas !

Era-lhe então a vida um cristalino lago
A refletir somente um carinhoso afago
Ou o infantil folguêdo;
Seus ideais, um bando alado de ilusões
A povoar-lhe a mente em flóreos turbilhões,
Como num sonho lêdo !

* *

*
O tempo decorreu,
E veio-lhe da existencia a rósea primavéra,
Que alegre alvoreceu !
O amor, o devaneio, o capricho, a quiméra,
Anciosa, conheceu.

Dos homens a perfidia envolta no amor,
Na frase que arrebatou um peito sonhador
Também a deslumbrou...
Perdeu a ingenuidade e em breve, enlouquecida,
Era a rosa sem viço e da haste pendida
Que um beijo maculou!

Não mais tornei a vê-la.
A pobre flôr da escória, a sombra do passado,
Quem pode conhecê-la?
Se o lírio doutro tempo hoje está transformado
No vício da viola!

.....

Mimos da juventude, ó rosas a florir
Em doirada manhã, conservai no porvir
Essa altiva inocência!
Fugi da primavera ás flores fascinantes
Cujo letal odor, donzelas confiantes,
Envenena a existencia!

Tavira, 9-9-913.

Laurinda Serytram.

UM BEIJO

Sol poente...
Suave-docemente
Ei-los a conversar, os namorados.

Pelos beirais,
Pelos telhados,
As andorinhas
Em risadinhas,
Em ternos ais
Soltam canções,
Que maviosas, cêrulas canções!

A paz imensa
Nas azas do crepúsculo beija o Ar;
E pelo Oriente

Parece que a aza leve
De pombas brancas,
Branças de neve,
Passa a bater,
Passa a adejar...

Silêncio... Um beijo,
Em lábios rubros,
Num doce arpejo
Soou... Soou...
... A casta lua
Já despontada,
D'envergonhada,
Ai... desmaiou!...

José Dias Sancho.

Quadras

Juraste-me eterno Amor
Meu anjo, minha ventura.
Sempre quero ver que tempo
O teu juramento dura.

Rita da Palma.

Os teus olhos, moreninha,
São a minha perdição:
Punhais que fazem bainha
De meu pobre coração.

M. M. M.

Minha capinha

Ail as capinhas
Dos estudantes,
Desfraldadinhas
São andorinhas
Mui vacilantes!

«Desceu, desceu
(Ai, coitadiuha!)
Do lindo céu!
Tanto sofreu,
Pobre capinha!

«Atento olhei
Esta avesinha,
Mas acordei
Não encontrei
Minha andorinha!

Esburacadas
Nas auras vôam;
Tristes, coitadas,
Sofrem noitadas
E o ar povôam!

«No seu caminho
O vendaval,
Num remoinho
Com escaroinho
A tratou mal!

«Só uma azinha
Vi, oscilante,
Rôta negrinha:
—Era a capinha
Dum estudante!

«Na Fantasia,
Minha capinha
Do céu descia
Com gran magia,
Em audorinha.

«Em mim pousou
Do vagarinho,
Logo tombou
E assim falou:
Dae-me um carinho!

Minha capinha
Desceu do céu
Em andorinha!
Ail coitadiuha,
Quanto sofreu!...

João Rico.



MAIS FAZ QUEM QUER QUE QUEM PODE

DIZ assim a filosofia popular, com aquela indestructível força de verdade que as gerações passadas foram apurando da lição dos factos e gravando na alma das suas descendentes de uma maneira tão perdurável que podemos afirmar com segurança que o unico código que um povo conserva intacto e intangível é o código das suas máximas.

Cada povo tem os seus ditados que o caracterizam e definem psicologicamente, e é por isso talvez que nos países cultos e bem orientados, dos quais conheço como exemplos a Inglaterra, a Italia e a França, são os seus mais profundos sábios e filósofos, como G. Le Bon, que colecionam com o mais seguro criterio os aforismos populares e formam como que uma biblia onde os versículos dos profetas são as sentenças do povo e o espirito da divindade o espirito tradicionalista das suas nacionalidades.

Deixemos, porém, estas rápidas considerações, estranhas á essência das desconcertadas linhas que seguem, e vamos ao que me propuz.

Faz agora dois anos que Mateus Moreno, Graça Mira e eu, trocavamos entusiasticamente as nossas impressões ácerca da fundação dum jornal academico; e corriamos atraz desta ideia como o arabe no deserto após a miragem dum oásis.

Parecia-nos estrada lisa o caminho coleante e pedregoso! De tantos espinhos que depois pisámos não enxergavamos nem um!

Muitos calculos deitamos então, mas só assentamos em que não haveria o minimo desfalecimento em nenhum de nós. Firmes á nova ideia, a vontade de um seria a vontade de todos.

Uma particularidade quixotesca que fará rir o leitor desdenhoso, é que nós não sabiamos com que nome baptisar o futuro *orgão* da academia.

Nomes mais ou menos bombasticos foram propostos até que ao cabo de alguns dias de intimas cogitações um de nós acertou com o nome de *Mocidade*. Eureka! *Mocidade* dizia tudo!

Jornal de moços, feito por moços, devia latejar nas suas colunas a alma ardente e estouvada da *Mocidade*.

A 26 de outubro de 1911 saiu o primeiro numero, um ramalhe-te de puerilidades que nos fazia rir de contentes.

Estava encetada a jornada e era preciso ir até ao fim. O jornal era de estudantes. Poder-se-ia contar com a boa vontade e o auxilio intelectual e material de todos, de metade, da terça ou da quarta parte deles? Nós conheciamos o meio de uma maneira geral e com pouco contavamos, mas ainda assim com mais do que tivemos depois. Oh! os jovens *académicos* de Faro!...

O académico (lindo nome, mal empregado!) do nosso liceu fuma aos dez anos; aos onze tem uma namorada; aos doze tem duas ou mais, refila com os colegas e até com os professores e joga ás cartas; aos treze é um *D. Guan*, vagueia pelas ruas até altas horas da noite, cantando (?) serenatas, tem explicador de matemática, faz exame no fim do ano, mas o *bigueno fica reprovado... por vingança do professor* como dizia o nosso saudoso Mestre Judice.

No terceiro ano *marca passo*, começa a ler romances e a discutir politica. O quarto, é ano de *passagem*... Começa a estudar latim: *Qui, que, quod*. Que maçada! E os *Lusiadas*? Que martirio! Para distrair lê as *Aventuras de Nick Carter Charlock Holmes*, a *Collecção Galante* e outras bodégas de tres vintens o fasciculo! O quinto ano é uma barreira que quãse nunca vence de uma só guinada. Sacrifica então á deusa *Empenhoca*.

Não estou porém fazendo a critica do nosso meio *académico*, para o que me falece habilidade e competencia, mas simplesmente pon-do em destaque uma série de vicios, aliás facilmente combatíveis, de que enferma a maior parte dos estudantes de Faro.

O estudante algarvio gosa da fama de inteligente e disso tem dado sempre sobejas provas. Mas o que pode fazer uma creança, sem orientação superior, entregue a si propria num meio hervado de vicios mais ou menos funestos? Faz o que vé fazer aos outros; e perverte-se. Num meio acanhado e vicioso, o que é difficil é enveredar por bom caminho.

Eu não queria talhar responsabilidades para ninguem, mas, salva a dos pais que não podem ou não sabem orientar os filhos, atrevo-me a imputal-as a quem as tem maiores: aos professores.

Ao professor, além da missão de instruir cabe tambem a de educar. E o que ha feito pelo corpo docente do nosso liceu para a educação dos alunos? Nada.

Os estudantes de Faro ignoram o principio associativo, não cultivam a Arte em nenhuma das suas manifestações, e em summa, não sabe conduzir-se irrepreensivelmente na sociedade.

Aos professores competia patrocinar a iniciativa da criação de associações, aproveitar as aptidões artisticas dos alunos e promover a sua educação moral, desviando-os do charco que os vai poluindo. Mas nada disto se faz, e não se alegue que ha impossibilidade mas sim que ha falta de vontade.

Geralmente, o estudante do nosso liceu chega ás ultimas classes sem conhecer nenhum dos nossos escritores de fama; nem mesmo os mais populares. E porquê? Porque nunca teve quem o orientasse nas suas leituras. Camilo, Garrett, Herculano, Julio Diniz, Queiroz, etc, não os conhece.

Traduções avariadas, de valor nulo, *literatura de cordel* propria de meninas namoradeiras, prosa de fél e vinagre das gazetas politiqueras, é o que mais facilmente apanha ás mãos. E' o que lê.

Todo este estendal tem por fim não só dar uma catanada em quem a merece, mas tambem mostrar ao leitor quanto de penoso e de difficil houve na nossa existencia de dois annos e ainda dar uma razão das nossas muitas imperfeições e fraquezas, pois não se pode ser perfeito num meio adulterado e vicioso.

Já que me compete a mim dar a ultima martelada no ataúde desta série da *Mocidade*, que sempre defendeu com denodo e altivez os interesses do Liceu João de Deus, eu apelo para o brio dos seus alunos, meus colegas e antigos camaradas, que façam reviver *A Mocidade*, trazendo-lhe nova seiva e dando-lhe vida vigorosa e duradoura.

Avanté colegas! não esqueçais o proverbio que diz: *Mais faç quem quer, que quem pode.*

ASCENSÃO MENDONÇA.



A nossa despedida

Em uma empresa desta ordem, sempre tão difficil, não nos foi possível satisfazer todos os nossos prometimentos, —do que vos temos a pedir desculpa; mas fiquem todos scientes de que nunca nos abandonaram esforços nem ardor para o conseguir. Só uma impossivel obtenção nos leva a não apresentarmos quaisquer escritos dos poucos restantes escritores, nem mesmo os retratos d'alguns aqui presentes e que por justos direitos eram dignos de tal distincção. Mas zanguem-se tambem com o *vil metal*, a que muitos chamam o agitador dos povos e a que nós, no presente caso, o maior obstaculo a que dessemos azas aos nossos latos designios.